

Sem vontade nacional, *A Economia do Brasil* não dá pra ser feliz

* 6 DEZ 1991

Garibaldi Otávio *

O sábio cidadão Caetano Veloso — tão sábio que poeta — lançou recentemente pela imprensa outra das suas “boutades”: “O Brasil vai dar certo, porque eu quero que dê certo”. Os bons comunistas, como os que se faziam antigamente, certamente condenariam o desvio voluntarista manifestado nesta frase. Mas o poeta indica um bom caminho para o País.



Na entrevista à revista Veja, Caetano faz a ressalva de que tem uma capacidade limitada para falar de coisas sérias como política, economia, cultura. Mas, no seu caso, isso nem seria preciso. Como artista, ele tem o direito de ver as coisas e os fatos do jeito que bem quiser. Até mesmo duvidar do presidente Collor pelo fato de ser jovem ou admirar Brizola por ser velho. E, afinal, temos cada vez mais a sensação de que para falar seriamente da situação do Brasil, hoje, só mesmo lançando mão de licenças poéticas.

Ninguém pode duvidar de que a realidade brasileira de agora é má, perniciosamente injusta, trágica mesmo. Mas não se pode deixar de

considerar que o tamanho dessa tragédia aumenta ou se encolhe pela vontade íntima de cada um de nós, individualmente ou potencializada pela força da imprensa, das tribunas políticas, religiosas (e militares) e da opinião dos ídolos nacionais.

O fato é que o Brasil está envolto por um halo de pessimismo. E esta é a sua tragédia real. Não se trata de esconder as suas mazelas econômicas e a sua perversa desarrumação social. Mas de saber que nunca sairemos do lugar sem uma sólida e articulada vontade nacional.

Quem tiver lembrança recordará que o País nadou num mar de felicidade várias vezes na sua história recente. Foi feliz com Juscelino, com o “milagre” de Médici, esperou por isso com grande união no tempo da campanha das “Diretas-Já” e com a eleição de Tancredo. Quase foi ao paraíso com os planos Cruzado e Collor. Mas não consta que a Nação ficou mais rica nestes momentos. Nem que estava mais pobre quando desceu aos infernos da recessão nos intervalos desses picos de felicidade.

E, é curioso, em cada um desses momentos o povo brasileiro pensava junto. Queria ser feliz e, às vezes, infeliz, como agora.

* Editor sênior deste jornal.

CAZETA MERCANTIL